

# DIÁLOGOS IMPOSSÍVEIS EM TEMPO DE PÓS. COLOCAÇÕES GEOGRÁFICAS E IDENTIDADES EM JOSÉ SARAMAGO E RUY DUARTE DE CARVALHO

LIVIA APA

CeSAC - Università degli Studi di Napoli L'Orientale

RESUMO: As linhas que se seguem se guiam por um imaginário diálogo entre a dimensão teórica da ideia de identidade nacional proposta pela reflexão de José Saramago depois da entrada de Portugal na Comunidade Económica Europeia e a reflexão do escritor e antropólogo Ruy Duarte de Carvalho apresentada nas obras que têm como centro o universo cultural do mundo kuvale do Sul de Angola, escritas em boa parte nos anos da guerra civil ocorrida depois da independência nacional do país. Interrogando-se, repensando e tentando reequilibrar a relação entre centros e margens de uma ideia de comum, ambos os autores procuram um caminho para imaginar uma nova auto-colocação, capaz de re-significar a ideia de fracasso da relação imperial por um lado e por outro o falhanço de uma ideia de Nação macrocéfala que parece desconhecer as partes que compõem o próprio corpo nacional. É nesta base que pretendo refletir sobre os termos da proposta transiberista de Saramago criando um (impossível) diálogo com a ideia de continentalidade enquanto superação da narrativa colonial e dos saberes por ela produzidos na escrita de Ruy Duarte.

PALAVRAS-CHAVE: nação; identidade; transiberismo; continentalidade; narrativa.

DIÀLEGS IMPOSSIBLES EN TEMPS DE POST: UBICACIONS GEOGRÀFIQUES I IDENTITATS  
EN JOSÉ SARAMAGO I RUY DUARTE DE CARVALHO

RESUM: Les línies que segueixen es guien per un diàleg imaginari entre la dimensió teòrica de la idea d'identitat nacional proposada per la reflexió de José Saramago després de l'entrada de Portugal a la Comunitat Econòmica Europea i la reflexió de l'escriptor i antropòleg Ruy Duarte de Carvalho desenvolupada en les obres que tenen com a centre l'univers cultural del món kuvale del sud d'Angola, les quals van ser escrites en bona part durant els anys de la guerra civil que va tenir lloc després de la independència nacional del país. Interrogant-se, repensant i provant de reequilibrar la relació entre els centres i els marges del que seria la idea d'un àmbit comú, tots dos autors cerquen un camí per imaginar una nova autocolocació, capaç de re-significar la idea de fracàs de la relació imperial d'una banda i, de l'altra, la fallida d'una idea de nació macrocèfala que sembla desconèixer les parts que componen el propi cos nacional. Amb aquesta base intento reflexionar sobre els termes de la proposta transiberista de Saramago tot establint un (impossible) diàleg amb la idea de continentalitat com a superació de la narrativa colonial i dels sabers produïts per aquesta idea en l'escriptura de Ruy Duarte.

PARAULES CLAU: nació; identitat; transiberisme; continentalitat; narrativa.

IMPOSSIBLE DIALOGUES IN *POST* TIMES: GEOGRAPHICAL LOCATIONS  
AND IDENTITIES IN JOSÉ SARAMAGO AND RUY DUARTE DE CARVALHO

**ABSTRACT:** The following lines draw an imaginary dialogue between the theoretical dimension of the idea of national identity proposed by José Saramago's reflection after Portugal's entry into the European Economic Community, and the reflection of the writer and anthropologist Ruy Duarte de Carvalho presented in works that have as their center the cultural universe of the Kuvale world of southern Angola, written largely during the years of civil war that occurred after the country's national independence. By questioning, rethinking and trying to rebalance the relationship between centers and margins of an idea of common, both authors seek a way to imagine a new self-placement, capable of re-signifying the idea of the failure of the imperial relationship as well as the failure of an idea of a macrocephalic Nation that seems to ignore the parts that make up the national body itself. It is on this basis that I intend to reflect on the terms of Saramago's *trans-Iberista* proposal, creating a (impossible) dialogue with the idea of *continentality* as an overcoming of the colonial narrative and the knowledge produced in Ruy Duarte's writing.

**KEYWORDS:** nation; identity; trans-Iberism; continentality; narration.

o. O horizonte teórico onde se colocam as linhas que se seguem tange os estudos comparados, tentando explorar paralelamente alguma ferramenta proposta pela crítica decolonial recentemente produzida no continente africano.<sup>1</sup> Se uma das vias praticadas pelos estudos comparados foi durante muito tempo a do comparatismo interno,<sup>2</sup> isto é, trabalhar em perspectiva comparada literaturas escritas na mesma língua, a perspectiva decolonial alerta para a necessidade de prestar a devida atenção às relações de força e de poder que se criaram ao longo do tempo dentro de determinados sistemas homolinguísticos (Sakai 1997). Ter em conta o lugar de enunciação acaba por representar, assim, um possível território fecundo para pôr em ato uma leitura não hegemônica das relações que se constituíram, e ainda se constituem, dentro de deter-

<sup>1</sup> Cf. o conjunto de reflexões relativas sobretudo à área francófona, promovidas durante as quatro edições dos *Ateliers de la Pensée*, organizados desde 2017 em Dakar por Achille Mbembe e Felwine Sarr (2017), e que têm como objetivo promover o debate à volta de uma renovada relação entre o Ocidente e o continente africano, reivindicando a necessidade da criação de uma nova epistemologia.

<sup>2</sup> Um exemplo recente deste tipo de perspectiva é representado pelo livro de José Carlos Pereira *As literaturas em Língua Portuguesa*, publicado pela editora Gradiva em 2020, que tem o ambicioso objetivo de percorrer ao longo de 792 páginas as literaturas nacionais dos países de língua oficial portuguesa (Pereira 2020).

minados espaços onde, mesmo na partilha da mesma língua, o texto é portador de sistemas culturais onde se jogam especificidades e posicionamentos precípuos. A tendência a homogeneizar os contextos em nome de uma herança cultural partilhada ao longo do tempo e — vale a pena lembrar — nem sempre participada por todos os atores em jogo, acaba, muitas vezes, por privilegiar, em nome do *universal*, apenas o que é comum, não considerando as diferenças entre vozes que atravessam afiliações múltiplas. Pensadores como Souleymane Bachir Diagne, Mamadou Diouf, ou Nadia Yala Kisukidi<sup>3</sup> ao oporem-se a uma ideia de universal, que não deixa de ser gerador de uma hierarquia entre saberes produzidos no Ocidente e fora dele, nos ajudam a repensar a definição de um universal mais aberto onde haja espaço para a diferença. É nesta perspectiva que se coloca a reflexão que se segue.

1. Imaginar um diálogo entre a dimensão teórica da ideia de identidade nacional proposta pela reflexão de José Saramago depois da entrada de Portugal na Comunidade Econômica Europeia e a reflexão do escritor e antropólogo Ruy Duarte de Carvalho apresentada nas obras que têm como centro o universo cultural do mundo Kuvale do Sul de Angola, obras escritas, em boa parte, nos anos da guerra civil ocorrida depois da independência nacional do país, pode parecer uma operação arriscada, considerada a diferença de época e de geografias que tornam o posicionamento dos dois autores se não oposto, pelo menos muito distante, em muitos aspetos. Porém, a produção intelectual de ambos os autores, consideradas as devidas diferenças de modos e formas, parecem reagir à necessidade de definir uma nova colocação identitária dentro de um espaço geográfico fortemente marcado pela dimensão de um *pós* e por um novo curso da História que se revela na sua dimensão global. Interrogando-se, repensando e tentando reequilibrar a relação entre centros e margens de uma ideia de *comum*, ambos os autores procuram uma via para imaginar uma nova auto-colocação, capaz de re-significar a ideia de fracasso da relação imperial por um lado e, por outro, o falhanço de uma ideia de Nação macrocéfala que parece desconhecer as partes que compõem o próprio corpo nacional. É nesta base que se vai refletir aqui sobre os termos da proposta transiberista de Saramago que, esquivando uma possível nova relação com a Europa, propõe uma renovada relação com a ideia de Ibéria alargada a territórios outrora subalter-

<sup>3</sup> Cf. Diagne (2017); Diouf (2017); Kisukidi (2020).

nos. A seguir vai ser introduzida uma reflexão sobre a noção de *continentalidade*, enquanto superação da narrativa colonial e dos saberes por ela produzidos, presente na escrita de Ruy Duarte. Ao construir uma obra polimórfica que descentra o ponto de vista sobre a Nação, o autor tenta devolver Angola ao seu natural diálogo com a geografia cultural e com os saberes endógenos do continente.

2. Partindo exatamente da noção de *reação*, neste caso devida à crise colonial que tanto Portugal quanto Espanha atravessam na última década do século XIX, é importante propor uma possível lente através da qual olhar para a própria noção de iberismo que ganha força num momento em que toda a Península Ibérica acorda para o seu atraso em relação ao resto da Europa. Através do romance realista, ambos os países mergulham na sua fracassada estrutura social, girando à volta de uma tensão que lhe serve de possível paradigma do tempo presente, e que não é senão a relação campo (quando não montanha) / cidade. Trata-se de uma tensão reativa que tenta reencontrar um caminho possível olhando para o binómio raiz e progresso, tentando decifrá-lo, na procura de um novo lugar a partir do qual enunciar o que resta e, ao mesmo tempo, o que se é. É natural pensar em obras como *La febre d'or* (Oller), *Peñas arriba* (Pereda) e obviamente *A cidade e as serras* de Eça de Queirós, mas na verdade esta tensão é de alguma maneira já detetável também no grande fresco social do Portugal finissecular, isto é o que encontramos em *Os Maias*. Trata-se, neste caso e depois de muitas décadas, da recuperação de uma dimensão intelectual peninsular que tece uma importante malha de trocas entre os já citados Narcís Oller, Clarín, José Maria de Pereda e o próprio José Maria Eça de Queirós — para citar apenas alguns dos possíveis nomes —, que, perante a repentina noção de perda de horizonte, parecem reagir abrindo as fronteiras de uma Ibéria imaginada a partir de um hipotético chão comum, estruturando assim uma fecunda malha de relações e trocas intelectuais, tendo sempre bem presente o modelo do romance francês coevo. Simplificando, nesta época, à ideia de uma identidade nacional fechada e pouco porosa se tenta opor uma ideia mais aberta de experiências comuns sugeridas por uma geografia considerada e recuperada como natural, mesmo que recalçada, durante séculos, em favor de um ideário construído à volta da expansão marítima, sobretudo no que diz respeito à parte portuguesa.

Esta dimensão que se redescobre profundamente telúrica, continua longamente ativa e vai atravessar em Portugal, nos anos seguintes, a obra de au-

tores como Teixeira de Pascoaes e a sua procura de uma lente que torne o *ser português* uma experiência de criação de renovados imaginários coletivos, ou, posteriormente, com autores como Miguel Torga, ficando, porém, reconhecível como elemento inspirador e em certa medida como pano de fundo de uma tensão existente, também, nas obras de José Saramago polarizada entre *Viaagem à Portugal* e *A Jangada de Pedra*, abrindo assim o conceito de iberismo a outros territórios, marcados pela relação, talvez um pouco forçada, com a própria ideia de Ibéria.

Esta proposta é ela também uma reação, mais exatamente uma reação contra a homologação de um certo europeísmo/ocidentalismo forçado (ele também), mas que não deixa de apresentar algumas lacunas. Ao promover uma ideia de identidade ibérica móvel, Saramago parte mais uma vez de uma ideia de especificidade cultural que não me parece afastar-se muito dos princípios que hoje governam o complexo e ambíguo edifício da lusofonia. De facto, a ideia de um iberismo itinerante, se por um lado abre para os irmãos ibéricos e *extra moenia* em todas as suas variantes e especificidades culturais, continua, por outro, a ser pensada e produzida a partir de um centro que é, mais uma vez, o antigo centro metropolitano. Esta proposta negoceia muito pouco com territórios outrora periféricos, abrindo caminho para uma ideia de peculiaridade e de excecionalidade da experiência da expansão portuguesa e, nesta versão, também ibérica. A alternativa à homologação das leis do capital global, sentida como necessária por José Saramago, abre, na verdade, caminho para um regresso ao passado, repescando uma ideia de *comum* que deambula para imaginários longamente praticados e que começam só agora, e finalmente, a entrar num processo de necessária desconstrução, dentro das chamadas epistemologias do Sul, mas que também não fogem completamente a uma visão excecional no que diz respeito à colonização portuguesa. Acima de tudo, com a sua proposta, Saramago não parece interrogar de forma ativa e concreta a vontade dos territórios outrora conquistados durante a expansão marítima, nem a vontade dos seus habitantes, continuando assim a considerar aquelas geografias como objetos, mais que como sujeitos de uma alternativa, mesmo que neste caso se trate de uma finalidade sinceramente progressista de sabor antieuropeísta e antiglobal.

3. Qual é a proposta de um autor que escolhe como seu lugar de fala para descrever o *pós* exatamente o Sul, aliás, e para sermos mais precisos, o Sul de um Sul? A partir de Angola e a partir de um lugar muito específico do território

angolano, Ruy Duarte de Carvalho, através de uma obra extremamente concebida e estruturada, coagula um pensamento articulado e explorado em pormenor ao redor de uma única lente: a observação minuciosa e constante ao longo do tempo, de um território habitado pelos kuvale, população que, como sabemos, vive na região do Namibe, no sul de Angola, que passa a ser, ao longo das páginas, uma espécie de metonímia da Nação e do presente angolano. Mapear o mundo e a terra kuvale por essa via, torna-se assim uma *observação direta*, um paciente exercício de colher indícios, de *estar com*, ou, aliás, como o próprio Ruy Duarte de Carvalho escreve e descreve n'Os *Papéis do Inglês* (2000), mais propriamente, um *estar ao pé*, para assim poder exercer a maior nudez ao tentar registar o máximo possível do seu estar e da sua própria observação direta. Tal tipo de prática foi definido por Luís Quintais (2008) como uma necessidade de auto-colocação de quem se inscreve num processo que se constrói num constante diálogo com a alteridade, neste caso específico, com a paisagem escolhida, exatamente aquela que é habitada pelos kuvale do sul de Angola. O tipo de construção narrativa praticada por Ruy Duarte de Carvalho funciona tanto em poesia como em prosa. Trata-se de uma construção que obedece ao único critério do *dizer com* e apela sempre para uma intenção, até um pretexto dialógico (refiro-me por exemplo ao pretexto do Filipe destinatário das cassetes gravadas de *Vou lá visitar pastores* ou à destinatária que se insinua n'Os *Papeis do Inglês*), pelo qual à necessidade de auto-colocação corresponde uma enunciação constante do outro num movimento entre exterior e interior e que a partir da ordem coletiva chega à ordem pessoal.

A relação com o outro torna-se, assim, um processo especular e reflexivo de interrogação própria, enquanto única maneira de fugir a uma leitura da realidade como construção binária na qual local/global, eu/outro, realidade/imaginação se matizam, sem necessariamente responderem a critérios hierárquicos. Na aparente série de dicotomias, tais como a de observado/observador ou a de quem escreve/quem lê, instaura-se, porém, uma abertura para um diálogo inscrito numa ordem ética, que faz com que se torne natural, na obra de Ruy Duarte de Carvalho, aquele processo de escrita e de registo que ele próprio descreve com estas palavras: «algo que me incumbe a falar com a voz do outro para ganhar um lugar cívico angolano» (Carvalho 2003: 37). Trata-se de uma literatura de fronteira, no sentido em que ela assume, para além da sua mobilidade, uma relação de contraponto com eventuais cânones que não se deixam reinventar por uma ideia de tradição ampla e partilhada pelas múltiplas vozes que compõem Angola hoje.

Podemos ler as palavras de Ruy Duarte como um ato em que se assume a consciência de trabalhar uma deriva que, por sua vez, é capaz de enunciar a identidade, também neste caso uma identidade móvel, como escreve ainda Luís Quintais (2008: 8), que corresponde a uma *multivocalidade* que nos fala da identidade enquanto algo que se constrói numa perpétua interrogação, e não através de uma constante evocação da diferença entre o nós que somos (ou cremos ser...) e os outros fechados no incómodo papel de observados. Também Osvaldo Silvestre (2008) nos lembra como, no fundo, toda a escrita de Ruy Duarte de Carvalho é a escrita de uma paisagem. Um espaço a medir, no caso específico, o Namibe, a dizer, a ser contado através de uma linguagem apropriada que aponta para a inversão da etnografia clássica, e na qual mais uma vez a enunciação do outro não serve para a descrever nem para lhe *dar a voz* mas para a *expor*, para *dizer* (ao sujeito e a quem lê?) a dignidade necessária, para que a voz do outro tenha consciência de si própria e possa, como nos versos do poema «Primeira proposta para uma noção geográfica», habitar «um corpo móvel de paisagens | protegidas por clareiras de fartura» (Carvalho 2005: 68). Mas também, e sobretudo, o que interessa ao projeto intelectual de Ruy Duarte de Carvalho é reivindicar para as margens da Nação o direito de habitar uma ideia em que «o movimento é a minha pátria é todo o continente de que não sei o fim» (Carvalho 2005: 70). Quem fala é um pastor kuvale cuja identidade se define pela mobilidade, pela pertença à paisagem que é, porém, pertença plúrima, exatamente por ser em perpétuo movimento. Trata-se portanto de um trabalho que implica a *longue durée*, condição imprescindível para colher indícios necessários que enunciem o outro, prática que implica partilha, rede de ligação e construção de novos mapas do comum, contrariamente ao que era praticado pela etnografia colonial e por uma certa ideia de antropologia que, em nome de uma ideia de universalismo e logos que tiveram sempre como centro os valores e o ponto de vista da cultura ocidental, se tem limitado a hierarquizar mundos culturais e saberes produzidos em paisagens vividas fora de uma ideia estática de progresso e evolução. A etnografia de Ruy Duarte de Carvalho, torna-se, pelo contrário, num diálogo entre mundos interiores — e a identidade algo de irresgatável, uma aporia, como nos lembra mais uma vez Luís Quintais (2008: 8), ferida existente entre imaginação e realidade. A questão a resolver torna-se importante também do ponto de vista formal, tornando-se numa questão de linguagem, quase uma espécie de inversão da proposta lusófona de assimilação *pour cause* da língua comum. Como o próprio Ruy Duarte de Carvalho nos explica:

Encarar até, assim a abordagem das oralidades, *demarche* do século [...] atacar as oralidades mais pelo lado das semânticas do que pelo das sintaxes... talvez fosse possível alcançar assim também o patamar em que se trata de ‘outra coisa’ e abrir, quem sabe, pistas para uma poesia minha que pudesse candidamente aspirar à condição de gênese de poesias alheias, angolanas talvez até por circunstâncias várias mas imediatamente reconhecidas como tal do que a minha (Carvalho 2008: 351).

Ruy Duarte de Carvalho deu-se, portanto, ao *exaustivo labor* (a expressão é dele) de procurar uma linguagem capaz de acolher a sua proposta ética e intelectual de criar uma poética capaz de assumir a diferença como valor, incorporando em certa medida a própria noção de opacidade, no sentido em que o termo é usado por Édouard Glissant, e não necessariamente de uma mútua inteligibilidade entre realidades pertencentes a ordens culturais diferentes. Por isso Ruy Duarte de Carvalho pode afirmar: «todo o meu investimento pessoal, literário e cívico se viu aplicado a um meio habitado e experimentado, existido por seres humanos a quem na sua maioria couberam outras línguas maternas» (Carvalho 2008: 351). Trata-se de mostrar ao mundo outros mundos que são, antes de tudo, outros tempos da contemporaneidade angolana, fazendo com que a linguagem se sujeite a eles e não o contrário, nomeando, descrevendo com minúcia mais uma vez as paisagens possíveis de que se compõe o corpo nacional. Constrói-se, assim, uma operação de subtração das margens perante qualquer visão que responda a uma tentação assimilacionista que continue a ter como foco de observação visões do mundo exógenas, incapazes de ancorar estas existências ao contexto cultural e geográfico de que fazem parte e do qual se alimentam. Como é fácil reter, existe na obra de Ruy Duarte de Carvalho uma profunda matriz geográfica que, partindo do ato de assumir a sua condição de órfão do império, parte para detetar a polifonia da paisagem angolana entendida como paisagem nacional, mas, também, e sobretudo, continental. É assim que se renova e se perpassa também a questão da relação com o *saber português* em geral, porque essa renovada maneira de descrever outros espaços da Nação constrói por sua vez uma rede de relações outras com outros espaços do continente e nos obriga a refletir sobre outros jogos de cumplicidades que não as que ainda hoje se tecem, para utilizar categorias gastas pelo excesso de certo exercício crítico, entre antigos centros e antigas periferias. Esta permanente evocação que se constrói dentro da procura de outras categorias que ajudem a «distanciar-se da condição do africano como o ocidente o vê» (Carvalho 2008: 353), prescindindo de qualquer tipo de localismo



tão caro a uma certa maneira de olhar para o mundo que o português criou, constrói um percurso que é regresso ético e estético às tradições de Angola e devolve Angola a uma sua colocação continental. Quebra-se assim o laço com um passado imposto exogenamente durante séculos, imaginando outra possível ideia de comum. Trata-se, no fundo, de desconstruir o discurso colonial que, como nos ensina Frantz Fanon,<sup>4</sup> acaba por ser, na realidade, apenas um monólogo fechado sobre si próprio, e que não deixa de ser um discurso de poder que considera os seus desejos como se fossem realidades, ainda por cima universais.

Neste impossível diálogo entre a proposta (trans)iberista de José Saramago e o apelo à continentalidade de Ruy Duarte de Carvalho, através de percursos e destinos diferentes, há porém a partilha da consciência de uma necessária construção de um nós, e de uma *re-significação* do passado e de imaginários coletivos já gastos, que pouco espaço deixam já a uma renovada relação com a alteridade e a diferença, entendida como forja de constante diálogo, através do qual cabe imaginar o próprio lugar no mundo, dentro de uma necessária e urgente construção de futuro. Trata-se de duas propostas intelectuais que reagem a uma mudança de paradigma imposto pelo fim de um ciclo e pela urgência de forjar novas visões capazes de dizer o tempo presente e indicando o caminho a seguir. Mas trata-se também de uma questão de imaginários: o declarar-se órfão do império liberta a relação entre Ruy Duarte de Carvalho e a jovem Nação angolana, como se admitir o seu pecado original perante a história de um território representasse a necessária catarse para reivindicar a legitimidade e o direito a existir enquanto voz entre outras vozes. José Saramago no seu *Jangada de Pedra*, e no seu projeto de deslocação, mesmo defendendo o direito de Portugal permanecer à deriva, abre caminhos já outrora considerados como naturais dentro do mundo português, evocando laços que são, porém, profundamente repensados e reconsiderados pelos que são hoje cidadãos e cidadãs da antiga periferia. Partilhar uma fase de história comum e intercâmbios, juntamente com a herança de uma língua (imposta), já não são fatores suficientes para embarcarmos todos juntos na mesma jangada. O processo de construção de uma narrativa especular de uma ideia de identidade nacional

<sup>4</sup> Cita-se aqui Fanon, referindo-se sobretudo as suas reflexões sobre o colonialismo, entendido como dispositivo que atravessa, sobretudo *Les damnés de la terre* (1961) e os textos reunidos na segunda parte de *Pour la révolution africaine: Écrits politiques* (2006).

não deixa de fornecer importantes indícios sobre a colocação de determinados territórios que, para além de noções geográficas, tem um valor ideológico, no sentido em que fundam e abrem novas epistemologias. Epistemologias de futuro, fruto de novas negociações de memória, mas também de necessárias reparações. A emergência de partes silenciadas do discurso sobre a Nação devolve uma existência às margens, por serem também elas partes da gramática da Nação que o discurso do poder tende a omitir, devolvendo a necessária complexidade ao quadro total de histórias de trocas e intercâmbios que nem sempre foram equitativos. Como nos lembra Ruy Duarte de Carvalho «Faz-se o mundo é de sujeitos» (Carvalho 2003: 17) e é interpelando o outro em pé de igualdade que se pode abrir caminho para uma narrativa comum.

## BIBLIOGRAFIA

- CARVALHO, Ruy Duarte de (2003). *Actas da Maianga*. Lisboa: Cotovia.
- CARVALHO, Ruy Duarte de (2005). *Lavra*. Lisboa: Cotovia.
- CARVALHO, Ruy Duarte de (2008). «A tradição oral enquanto recurso e referência para uma atualização poética interveniente». *A câmara a escrita e a coisa dita...* Lisboa: Cotovia, 350-355.
- DIAGNE, Souleymane Bachir (2017). «Pour un universel vraiment universel». Achille Mbembe; Felwine Sarr (org.). *Écrire l'Afrique-Monde*. Paris: Philippe Rey; Jimsaan, 71-79.
- DIOUF, Mamadou (2017). «L'universalisme (européen?) à l'épreuve des histoires indigènes». Achille Mbembe; Felwine Sarr (org.). *Écrire l'Afrique-Monde*. Paris: Philippe Rey; Jimsaan, 17-51.
- FANON, Frantz (1961). *Les damnés de la terre*. Paris: Maspero.
- FANON, Frantz (2006). *Pour la révolution africaine: Écrits politiques*. Paris: La Découverte.
- KISUKIDI, Nadia Yala (2020). «L'universel dans la brousse». *Revue Esprit*, Jan/Fev, 48-59.
- MBEMBE, Achille; SARR, Felwine (org.) (2017). *Écrire l'Afrique-Monde*. Paris: Philippe Rey; Jimsaan.
- PEREIRA, José Carlos Seabra (2020). *As literaturas em Língua Portuguesa*. Lisboa: Gradiva.
- QUINTAIS, Luís (2008). «Escolher o Deserto». *Dei-me portanto a um exaustivo labor*. Lisboa: CCB.
- SAKAI, Naoki (1997). *Translation and Subjectivity: On Japan and Cultural Nationalism*. Minneapolis: University of Minnesota Press.

SILVESTRE, Osvaldo Manuel (2008). «Ruy Duarte de Carvalho ou do contrato social». *Os Livros Ardem Mal* [em linha] [27 outubro 2022] <<https://olamtagv.wordpress.com/2008/02/16/ruy-duarte-de-carvalho-ou-do-contrato-social-i/>>



Copyright © Livia Apa, 2023. This document is under a Creative Commons Attribution-Non commercial-No Derivative Works 3.0 Unported License. To see a copy of this license click here <http://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/3.0/legalcode>.